

“EU LHES DOU
A MINHA PAZ”

Coleção **MEDITAÇÕES**

- *“Eu lhes dou a minha paz”*: a paz com Deus, com os outros e consigo mesmo, Raniero Cantalamessa
- *Meditações sobre a paixão do Senhor*, Charles de Foucauld
- *Momento de Cristo (O): a trilha da meditação*, John Main
- *Orai sem cessar: reflexões sobre a oração*, Sérgio Raupp
- *Palavra que leva ao silêncio (A)*, John Main
- *Prática diária da meditação cristã*, Laurence Freeman

RANIERO CANTALAMESSA

“EU LHES DOU
A MINHA PAZ”

*A paz com Deus, com os outros
e consigo mesmo*



PAULUS

Título original: "VI DO LA MIA PACE".
La pace con Dio, con gli altri, con se stessi.
© 2015 Edizioni San Paolo s.r.l.,
Piazza Soncino, 5 - 20092 Cinisello Balsamo (Milano) – Italia
edizionisanpaolo.it
ISBN 978-88-215-9499-1

Tradução: *Tiago José Risi Leme*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Capa: *Marcelo Campanhã*
Editoração, impressão e acabamento: PAULUS
Citações bíblicas: *Nova Bíblia Pastoral*. São Paulo: Paulus, 2014.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cantalamesa, Raniero
"Eu lhes dou a minha paz": a paz com Deus, com os outros e consigo mesmo / Raniero Cantalamessa; [tradução Tiago José Risi Leme]. – São Paulo: Paulus, 2016. – Coleção Meditações.

Título original: *Vi do la mia pace: la pace con Dio, con gli altri, con se stessi*

Bibliografia.

1. Deus 2. Deus (Cristianismo) - Amor - Meditações 3. Espiritualidade 4. Paz de espírito - Aspectos religiosos - Cristianismo I. Título. II. Série.

16-06507

CDD-248.482

Índice para catálogo sistemático:

1. Paz de espírito: Aspectos religiosos: Cristianismo 248.482

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções:
paulus.com.br/cadastro

Televidas: (11) 3789-4000 / 0800 16 40 11



1ª edição, 2016

© PAULUS – 2016

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700 • Fax: (11) 5579-3627
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4431-1

APRESENTAÇÃO

A dolorosa atualidade do tema da paz, unida à necessidade de devolver a essa palavra a riqueza de significado com que a Bíblia a reveste, levou-me a dedicar a esse tema as três meditações do Advento de 2014 na Casa Pontifícia, na presença do Papa Francisco. A intenção era dar uma pequena contribuição para escutar com ouvidos novos o anúncio natalino: “Paz na terra aos homens que Deus ama”, como também para começar a viver no interior da Igreja a mensagem que todos os anos ela dirige ao mundo na Jornada Mundial da Paz.

Após o pedido de diversas pessoas, decidi-me a colocá-las à disposição dos que não fazem parte do restrito número daqueles que podem ouvi-las ao vivo na capela “Redemptoris Mater” e de todos os que ainda preferem ler as palavras na página familiar de um livro, ao invés de lê-las numa fria tela de computador. Ou, no mínimo, para poder expressar em margem de página a

própria aprovação ou desaprovação com algum ponto de exclamação ou interrogação!

Quando falamos de paz, somos levados a pensar quase sempre numa paz horizontal: entre os povos, as raças, as classes sociais, as religiões. A Palavra de Deus nos ensina que a paz primeira e mais essencial é, ao contrário, a vertical, entre o céu e a terra, entre Deus e a humanidade. Dela dependem todas as outras formas de paz, como se vê no próprio relato da criação. Enquanto Adão e Eva estão em paz com Deus, há paz, dentro de cada um deles, entre carne e espírito (estavam nus, e disso não se envergonhavam), há paz entre o homem e a mulher (“carne da minha carne”), entre o ser humano e o resto da criação. Depois de se rebelarem contra Deus, tudo entra em conflito: a carne contra o espírito (perceberam que estavam nus), o homem contra a mulher (“a mulher me seduziu”), a natureza contra o homem (dor e tribulação), irmão contra irmão, Caim contra Abel.

Por essa razão, pensei em dedicar a primeira meditação à paz como *dom de Deus* em Jesus Cristo. Na segunda meditação, falarei da paz como *tarefa* pela qual trabalhar, e na terceira, da paz como *fruto do Espírito*, ou seja, da paz interior da alma, que todos buscamos. São os três âmbitos da paz evocados num hino da

liturgia das horas: “Paz entre céu e terra, paz entre todos os povos, paz em nossos corações”.¹

No cenáculo, Jesus deu a paz a seus apóstolos mediante o mesmo sopro com o qual lhes comunicou seu Espírito: “A paz esteja com vocês... Recebam o Espírito Santo” (Jo 20,21-22).² Necessitamos do Espírito Santo para receber a paz e precisamos da paz para receber o Espírito Santo.

¹ Hino das Laudes do 3º Domingo do Tempo Comum.

² As citações bíblicas foram extraídas da *Nova Bíblia Pastoral*, São Paulo: Paulus, 2015, 6ª reimpressão. (N.T.)

"EU LHES DOU A MINHA PAZ"

(Jo 14,27)

A paz como dom de Deus em Cristo Jesus

1. Estamos em paz com Deus!

Se fosse possível ouvir o grito mais forte que há no coração de bilhões de pessoas, se ouviria, em todas as línguas do mundo, uma palavra apenas: Paz!

Começamos ouvindo o anúncio fundamental a respeito da paz. São palavras de Paulo na Carta aos Romanos:

Portanto, tendo sido justificados pela fé, estamos em paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. Por meio dele, através da fé, tivemos acesso a esta graça, na qual estamos firmes e nos gloriamos, na esperança da glória de Deus (Rm 5,1-2).

Ainda me lembro do que se deu no dia em que terminou, para a Itália, a Segunda Guerra Mundial. O grito: "Armistício! Paz!" ribombou da cidade ao campo, de casa em casa. Era o fim de um pesadelo; sem mais terror, sem mais bombardeios, sem mais fome. A vida parecia

finalmente ressurgir. Algo do gênero devia provocar, no coração dos leitores, aquele anúncio do Apóstolo: “Temos paz com Deus! Fez-se a paz! Uma nova era se iniciou para a humanidade em sua relação com Deus!”. Aquela foi definida como “uma época de angústia”.¹ Os homens daquele tempo tinham a impressão (tudo menos infundada) de uma condenação que pesava sobre suas cabeças; Paulo a chama: “A ira de Deus contra toda impiedade e injustiça daqueles que com a injustiça sufocam a verdade” (Rm 1,18). Por isso, tantos ritos e cultos esotéricos de propiciação pululavam na sociedade pagã da época.

2. *A paz de Deus prometida e doada*

O anúncio de Paulo há pouco ouvido pressupõe que tenha ocorrido algo que mudou o destino da humanidade. Se agora estamos em paz com Deus, quer dizer que antes não estávamos; se agora “não existe mais nenhuma condenação” (Rm 8,1), quer dizer que antes havia uma condenação. Vejamos o que foi decisivo para produzir tal mudança nas relações entre o homem e Deus.

¹ E. R. Dodds, *Pagani e cristiani in un'epoca di angoscia. Aspetti dell'esperienza religiosa da Marco Aurelio a Costantino*, Florença: La Nuova Italia, 1993.

Diante da rebelião do homem – o pecado original –, Deus não abandona a humanidade ao próprio destino, mas define um novo plano para reconciliá-la consigo. Um exemplo banal, mas útil para compreender, é aquilo que acontece hoje com os assim chamados sistemas de posicionamento global (GPS, do inglês *global positioning system*) instalados nos carros. Se a certo ponto o motorista não segue a indicação dada pelo GPS – curva à esquerda, por exemplo, em vez de à direita –, o GPS em poucos instantes lhe traça uma nova rota, a partir da posição na qual se encontra, para chegar ao destino desejado. Assim Deus fez com o homem, definindo, depois do pecado, seu plano de redenção.

A longa preparação começa com as alianças bíblicas. São, por assim dizer, “pazes separadas”. Primeiramente com pessoas singulares: Noé, Abraão, Jacó; depois, através de Moisés, com todo o Israel, que se torna o povo da aliança. Essas alianças, ao contrário de alianças humanas, são sempre alianças de paz, jamais de guerra contra os inimigos.

Mas Deus é Deus de toda a humanidade: “Ou, por acaso, Deus é Deus só dos judeus? Não é também das nações?”, exclama São Paulo (Rm 3,29). Por essa razão, essas alianças antigas eram por si mesmas temporais, destinadas a ser um dia estendidas a todo o gênero humano. De fato, os

profetas começam a falar sempre mais claramente de uma “aliança nova e eterna”, de uma “aliança de paz” (Ez 37,26), que, de Sião e de Jerusalém, se estenderá a todos os povos (cf. Is 2,2-5).

Essa paz universal é apresentada como um retorno à paz inicial do Éden, com imagens e símbolos que a tradição hebraica interpreta em sentido literal e a cristã, em sentido espiritual:

De suas espadas fabricarão enxadas, e de suas lanças farão foices. Nenhuma nação pegará em armas contra a outra, e ninguém mais vai se treinar para a guerra (Is 2,4).

O lobo será hóspede do cordeiro, o leopardo se deitará ao lado do cabrito. O bezerro e o leãozinho pastarão juntos, e um menino os guiará (Is 11,6).

O Novo Testamento vê todas essas profecias realizadas com a vinda de Jesus. Seu nascimento é revelado aos pastores com o anúncio: “Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos que ele ama!” (Lc 2,14). O próprio Jesus afirma ter vindo à terra para trazer-lhe a paz de Deus: “Eu deixo para vocês a paz – diz –, eu lhes dou a minha paz” (Jo 14,27). No entardecer de Páscoa, no cenáculo, quicã com que divinais vibrações, sai de sua boca de Ressuscitado a palavra *Shalom! Paz a vocês!* Como no anúncio dos anjos no Natal, essa não é apenas uma saudação ou um augúrio, mas algo real sendo comunicado. Todo o conteúdo da redenção estava contido nessa palavra.

A Igreja apostólica não se cansa de proclamar a concreta realização de todas as promessas de paz de Deus em Cristo. Falando do Messias, que nasceria em Belém de Judá, o profeta Miqueias havia preanunciado: “Ele próprio será a paz!” (Mq 5,4); exatamente o mesmo que a Carta aos Efésios afirma de Jesus: “De fato, Cristo é a nossa paz!” (Ef 2,14).

3. A paz, fruto da cruz de Cristo

Mas agora precisamos fazer uma pergunta mais exata. Foi mediante sua simples vinda à terra que Jesus restabeleceu a paz entre céu e terra? É verdadeiramente o nascimento do Senhor “o natal da paz”, como dizia São Leão Magno,² ou também o é, e sobretudo, a sua morte? A resposta está contida na palavra de Paulo que tivemos como ponto de partida: “Justificados pela fé, estamos em paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5,1). A paz vem da justificação mediante a fé e a justificação vem do sacrifício de Cristo na cruz! (cf. Rm 3,21-26).

Além disso, a paz é o próprio conteúdo da justificação. Esta não consiste apenas na remissão (ou, segundo Lutero, na não imputação) dos pe-

² São Leão Magno, *In Nativitate Domini*, XXXVI, 5 (PL 54, 215).

cados, ou seja, em algo puramente negativo, em um “remover” algo que havia; constitui também, e acima de tudo, um elemento positivo, um “pôr” algo que não havia: o Espírito Santo e, com ele, a graça e a paz.

Uma coisa é clara: não se compreende a mudança radical ocorrida nas relações com Deus se não se compreende o que ocorreu na morte de Cristo. Oriente e Ocidente são unânimes ao descrever a situação da humanidade antes de Cristo e fora dele. De um lado, havia os homens que, pecando, contraíram com Deus uma dívida e deviam lutar contra o demônio, que os mantinha escravos, o que não podiam fazer, sendo a dívida infinita e eles, prisioneiros de Satanás, do qual deveriam libertar-se. De outro lado, havia Deus, que podia expiar o pecado e vencer Satanás, mas não devia fazê-lo, ou seja, não era obrigado a fazê-lo, não sendo ele o devedor. Era preciso que houvesse alguém que reunisse em si mesmo aquele que *devia* combater e aquele que *podia* vencer, e foi isso que se realizou com Cristo, Deus e homem. Assim se expressam, em termos bastante próximos, Nicolau Cabasilas, entre os gregos, e Santo Anselmo de Aosta, entre os latinos.³

³ N. Cabasilas, *Vita in Cristo*, I, 5 (PG 150, 313); Cf. Anselmo, *Cur Deus homo?*, II, 18, 20; Tomás de Aquino, *Summa theologiae*, III, q. 46, art. 1, ad 3.

A morte de Jesus na cruz é o momento no qual o Redentor completa a obra da salvação, destruindo o pecado e alcançando vitória sobre Satanás. Como homem, aquilo que realiza nos pertence: “Cristo Jesus se tornou *para nós* sabedoria que vem de Deus, justiça, santificação, redenção” (1Cor 1,30). Por outro lado, enquanto Deus, aquilo que opera tem um valor infinito e pode “salvar plenamente os que, por meio dele, se dirigem a Deus” (Hb 7,25).

Recentemente, tem havido uma profunda reflexão sobre o sentido do sacrifício de Cristo. Em 1972, o pensador francês René Girard lançava a tese segundo a qual “a violência é o coração e a alma secreta do sagrado”.⁴ De fato, na origem e no centro de toda religião, inclusive a judaica, há o sacrifício, o ritual do bode expiatório, que comporta sempre destruição e morte. Já antes, porém, dessa data, aquele estudioso havia se reaproximado do cristianismo e, na Páscoa de 1959, tornou pública sua “conversão”, declarando-se crente e voltando à Igreja.

Isso lhe permitiu, nos estudos seguintes, não fechar-se à análise do mecanismo da violência, mas apontá-lo, como também distan-

⁴ Cf. R. Girard, *La violence et le sacré*, Paris: Grasset, 1972 [A violência e o sagrado, São Paulo: Paz e Terra, 2008]. Do mesmo autor, publicados pela PAULUS na coleção “Estudos Antropológicos”: *O bode expiatório*, em tradução de Ivo Storniolo, 2004, e *A rota antiga dos homens perversos*, tradução de Tiago J. Risi Leme, 2009. (N.T.)

ciar-se dele. Segundo ele, Jesus desmascara e quebranta o mecanismo que sacraliza a violência, espontaneamente fazendo de si mesmo o “bode expiatório” da humanidade, a vítima inocente de toda a violência. Como dizia a Carta aos Hebreus (9,11-14), Cristo não veio com sangue de outros, mas com o próprio. Não fez vítimas, mas se fez vítima. Não colocou os próprios pecados sobre os ombros dos outros, homens ou animais; pôs os pecados dos outros sobre os próprios ombros: “Ele carregou nossos pecados em seu corpo, no madeiro” (1Pd 2,24).

Pode-se então continuar a falar do “sacrifício” da cruz e, portanto, da Missa como sacrifício? Por muito tempo René Girard rejeitou esse conceito, considerando-o demasiado marcado pela ideia de violência, mas depois, com toda a tradição cristã, terminou por admitir sua legitimidade, com a condição de ver – conforme diz – no sacrifício de Cristo um gênero novo de sacrifício e, nessa mudança de significado, “o fato principal na história religiosa da humanidade”⁵

Tudo isso permite entender melhor em que sentido se realizou, sobre a cruz, a reconciliação entre Deus e os homens. Habitualmente, o sacrifício de expiação servia para aplacar um Deus irado pelo pecado. Ao ofe-

⁵ Cf. R. Girard, *Il sacrificio*, Milão: Raffaello Cortina, 2004.

recer a Deus um sacrifício, o homem pede à divindade a reconciliação e o perdão. No sacrifício de Cristo, tal perspectiva é transformada. Não é mais o homem a exercer uma influência sobre Deus, para que se acalme. Ao contrário, é Deus que age para que o homem desista da própria inimizade com ele. “A salvação não se inicia com o pedido de reconciliação por parte do homem, mas com o pedido de Deus, de reconciliar-se com ele.”⁶ Sob essa luz, compreende-se a afirmação do Apóstolo: “Pois, em Cristo, Deus estava reconciliando o mundo consigo” (2Cor 5,19), e ainda: “Quando éramos inimigos de Deus, fomos reconciliados com ele, por meio da morte do seu Filho” (Rm 5,10).

4. *“Recebam o Espírito Santo!”*

A paz que Cristo nos mereceu com sua morte de cruz se torna ativa e operante em nós por meio do Espírito Santo. Por isso, no cenáculo, depois de dizer aos apóstolos: “Paz a vocês”, soprou sobre eles e acrescentou, como num mesmo sopro: “Recebam o Espírito Santo!” (Jo 20,22).

⁶ G. Theissen e A. Merz, *Il Gesù storico*, Bréscia: Queriniana, 2003, p. 573 [O Jesus histórico – Um manual, São Paulo: Loyola, 2002].

Na realidade, a paz vem sim da cruz de Cristo, mas não nasce dela. Vem de mais longe. Sobre a cruz, Jesus destruiu o muro do pecado e da inimizade que impedia à paz de Deus alcançar o homem. O manancial último da paz é a Trindade. “Ó Trindade beata, oceano de paz!”, exclama a liturgia, num de seus hinos. Segundo Dionísio Areopagita, “Paz” é um dos nomes próprios de Deus.⁷ Ele é paz em si mesmo, tanto quanto amor e luz.

Quase todas as religiões politeístas falam acerca de divindades em permanente estado de rivalidade e de guerra entre si. A mitologia grega é o exemplo mais claro disso. No rigor dos termos, não se pode falar de Deus como fonte e modelo de paz, nem mesmo no contexto de um monoteísmo absoluto e numérico. De fato, a paz, assim como o amor, só pode existir entre pelo menos duas pessoas. Ela consiste em relações boas, em relações de amor, e a Trindade é exatamente essa beleza e perfeição de relações. Aquilo que mais toca quando se contempla o ícone da *Trindade* de Rublev é a atmosfera de paz sobrenatural que emana dele.

Quando, portanto, Jesus diz “Shalom!” e “Recebam o Espírito Santo”, comunica aos discípulos

⁷ Pseudo-Dionísio Areopagita, *I nomi divini* [Os nomes divinos], XI, 1 s (PG 3, 948 s).

algo da “paz de Deus, que supera toda compreensão” (Fl 4,7). Nesse sentido, paz é praticamente sinônimo de graça e, de fato, os dois termos são usados juntos, como uma espécie de binômio, no início das cartas apostólicas: “A todos vocês... graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo” (Rm 1,7; 1Ts 1,1). Na Missa, quando se proclama: “A paz esteja convosco”, “Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo, dai-nos a paz” e, no final, “Ide em paz”, é dessa paz como dom de Deus que se está falando.

5. *“Reconciliem-se com Deus!”*

Gostaria de pôr em evidência como esse dom da paz, recebido ontologicamente e de direito no batismo, deve mudar pouco a pouco, bem como de fato e psicologicamente, nossa relação com Deus. O apelo angustiado de Paulo: “Em nome de Cristo pedimos: reconciliem-se com Deus” (2Cor 5,20) se dirige a cristãos que já viviam em comunidade. Portanto, não se refere à primeira reconciliação, nem, evidentemente, àquele que chamamos “o sacramento da reconciliação”. Num sentido atual e existencial, esse apelo também se destina a cada um de nós, e tentemos compreender em que consiste.

Uma das causas, talvez a principal, da alienação do homem moderno da religião e da fé é